



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

10 de Julho de 2004 • Ano LXI • N.º 1574
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Jubileu Sacerdotal do Padre Baptista

O Bispo Auxiliar do Porto, D. António Taipa, veio presidir à celebração da Eucaristia e na homília disse:

«Li e entendi o que o Padre Acílio escreveu n' O GAIATO. E foi exactamente aí que encontrei o fio condutor para a reflexão que vou fazer convosco:

«São, hoje, raros os sinais de profetismo e heroicidade nesta Igreja, quando necessitamos com urgência, de uma avalanche de gente apaixonada pelo Evangelho de Jesus. Loucamente apaixonada».

É, de facto, a referência ao Evangelho de Jesus, ao Evangelho que é Jesus que nós nos entendemos. Não somos cristãos porque temos uma doutrina bonita, uma interessante filosofia e Vida. Não somos cristãos porque temos um belo código moral.

Somos cristãos por referência a uma Pessoa. Por referência a uma liberdade. Somos, devíamos ser, uns apaixonados por Jesus.

Mas quem é Ele? — A grande pergunta com que Jesus confrontou os seus apóstolos.

Precisamos de O conhecer:

— De descobrir o seu perfil humano. Como Ele viveu, como Ele se relacionou:

- com os homens
- com Deus
- com o mundo.

— Para isso é preciso conviver com Ele:

- lendo-O no Evangelho.
- O Padre Américo dizia que era homem de um só livro... perigoso.
- É isso que nos faz apanhar os tiques de Jesus.

Foi este Jesus que arrastou os homens do seu tempo, que "seduziu" os seus discípulos. Foi este Jesus que revelou o Pai como seu Filho. Deus Ele também.

— É deste Jesus que vemos até onde veio a condescendência de Deus:

- Fazer-Se assim pobre, com fome e com sede, sem ter onde reclinar a cabeça, até morrer por nós... uma paixão.

É esta paixão por Ele que faz descobri-LO presente à nossa vida — "ficarei convosco" — nomeadamente nos

Continua na página 3

Malanje

• Nunca, como hoje, sinto a falta de uma senhora em nossa Casa. É tudo feito pelos rapazes! Falta um sorriso, um carinho de mãe.

Os «Batatinhas» que são um amor!, enquanto, depois do Terço os mais velhos estudam, entram comigo na Capela e, durante a Missa, cantam e dançam. Eu deixo. O Senhor sorri.

Passamos a vida correndo atrás de um bem que sempre nos escapa, não damos atenção ao «segue-Me» do Senhor. Deixa tudo pelo maior bem! Não queremos ouvir e seguimos atraídos por castelos que se vão desmoronando. No fim, que vem breve, as mãos vazias.

No fim da Missa vão comigo, ansiosos... Em vez daquele sorriso de mãe, dou-lhes um rebuçadinho.

Em todo o Portugal cristão, com tantas mães disponíveis a rezar nas igrejas, não haverá uma que ouça o «segue-Me» e venha limpar o rabinho destes meninos.

• Novas Catedrais! Sumptuosas, elegantes, altivas e apontando o céu! Que céu? O das nuvens, somente. Ali se ficam empaturadas de humidade e tacanhez. Firmes no chão e sem visão de infinito ficam impotentes para atingirem o outro Céu.

É nelas, porém, que a maior parte dos terrestres nos deliciamos: Cafés, esplanadas, Bancos, casas de diversão, estádios, restaurantes, jardins e auto-estradas...

Felizes que nós estamos no (nosso?) paraíso terreal!

Mas, vamos, uma grande parte dos gritos e berros nos campos de futebol escondem um cancro revelado, um divórcio chato, uma falência económica, uma raiva incontida, frustrações e solidão.

Há dias, entrei numa Sé. Totalmente deserta! Tive a sensação de um frio e desolação. Num

Continua na página 4

«O Escutismo e a pedagogia do Padre Américo»

UM dirigente do Corpo Nacional de Escutas que é Professor na Faculdade de Engenharia, tem vindo a publicar na *Voz Portucalense*, há cinco semanas, reflexões sobre «O Escutismo e a pedagogia do Padre Américo» — título que, com licença presumida, vamos tomar também para estas notas. Trata-se de Alguém que nesta matéria possui uma experiência e um conhecimento que vêm de longe, em contexto da paixão perseverante desde adolescente que o conserva, ainda hoje, profundamente empenhado no Escutismo e no nosso amigo em aprofundamento.

Conforta-nos esta presença e inte-

resse na apresentação em paralelo de duas figuras de referência relativamente à tarefa divina de fazer dos jovens de hoje gente prestável para o amanhã do mundo e que deram vida a uma inspiração essencialmente semelhante nos objectivos e até nos meios para os abraçar. Baden Powell, muito mais antigo, não soube de Pai Américo. Este, sim, soube de Baden Powell, admirou-o, estimou-o; mas não foi à luz dele nem pela força dele que fez o seu caminho. Inspiração idêntica, certamente pela intervenção do mesmo INSPIRADOR, pois ambos focaram a sua acção na perspectiva cristã do Homem e lhe deram o sabor e

a perenidade que têm. Ambos procuraram responder à necessidade fundamental de todos os tempos que é dotar o mundo de homens de carácter e prepará-los a partir de instrumentos que o Criador nos dá na Natureza de que dispomos e numa base de fé na bondade intrínseca que há em cada homem (há, com certeza!) porque imagem de Deus — e é bom tudo quando Deus faz! Se o mundo (e aqui leio a palavra no sentido de degradação) cerca os homens de maldades e, em campanhas diabólicas de exploração, pretende infiltrá-las no seu íntimo, não anula essa reserva

Continua na página 4

BENGUELA

Linda página que Pai Américo escreveu

DEU-ME a tentação e caí nela. Peguei no livro *O Calvário* e não resisti a partilhar convosco a página linda da Introdução que Pai Américo escreveu. Daqui, de muito longe, peço licença a Padre Baptista para entrar numa lavra tão sagrada que ninguém conhece, porque ama, como ele.

Estou a escrever na celebração dos seus cinquenta anos de Padre. A coroa da Obra da Rua, O Calvário, gerada no coração de Pai Américo, foi levada, desde o início, no regaço do Padre Baptista. Deixai que Pai Américo diga:

«Não vamos aqui falar desta aventura como se fora o agitar duma ideia. Não vamos, que ela está dormiente no coração de todos os mortais. É uma comunicação.

Uma necessidade de revelar ao mundo a presença de Deus, pois que só por seu amor se podem levar a cabo aventuras desta natureza. É o amor de Deus que as gera; o amor de Deus que as executa; o amor de Deus que as alimenta. Ninguém nos pergunte jamais como havemos de sustentar amanhã uma ou duas centenas de Doridos.

(...) Tal como as casas do Património dos Pobres, também esta Obra do Calvário estava por fazer, sendo que toda a gente vive e sente a necessidade dela. (...) Nem homens na Barraca, nem moribundos na Valeta. O primeiro numa casa. O segundo num leito. Esta é a ordem.

Bateu-nos aqui à porta um rapaz de vinte e dois anos, que tinha feito larga temporada num hospital e, por curado, deram-lhe alta.

Tinha sofrido duas operações qual delas a mais perigosa. Perdeu carne. Perdeu sangue. Perdeu a cor. Foram sete meses. (...) Não se queixa que lhe tivessem dado alta; ele acha isso razoável. (...) Em casa não tinha nada que comer nem os vizinhos que lhe dessem. Não podia trabalhar. Não tinha forças para mendigar. Era um caso liquidado. — Eu morro! Vive, hoje, em nossa comunidade. Se ao tempo da abertura do Calvário, este rapaz ainda não estiver pronto, será um dos primeiros. (...) Tal como este muitos, grande número de necessitados, porque, doutra sorte, viriam a perecer, hão-de fazer ali a sua convalescença. Salvamos vidas. Quem se não há-de impressionar? Além dos casos desta natureza, temos os dados por incuráveis e estes são legiões.

Todos nós compreendemos que o fim do hospital é curar. As camas estão ali e são postas ao serviço dos doentes. O que não tem cura, não é recebido. Se uma vez o foi e é dado como incurável, tem de se ir embora. Esta é a regra. Não consta que ao lado de cada hospital haja ainda o anexo dotado para este serviço. (...) Ora é justamente por isso que este nosso Abrigo vai ser a obra desejada. Cerra os olhos de moribundos, que doutra sorte não teriam quem nem onde.

O Padre da Rua que a Providência vier a escolher, há-de ter muito que dar; pois que muito vai receber — as confidências. Os desabafos. Consolações divinas. Se ele também for um doente, melhor entenderá a linguagem dos doentes.»

O Padre Baptista foi o Padre da Rua que a Providência escolheu, a quem deu o carisma do Calvário. Nas «Bodas de Ouro» do seu nascimento sacerdotal, em 29 de Junho, estamos com ele no Calvário do Altar, onde celebramos a Eucaristia. Um abraço cheio de amizade e gratidão!

Padre Manuel António

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CRISE — Os Pobres passam, agora, maiores sacrifícios na situação de que sofre o País, na vida económica e social.

Se do ponto de vista de subsídios tudo corresse bem, seria forma de atender os mais necessitados.

Na última semana demos uma volta pelas casas cujas obras temos em mãos. Moradias em reparação. Estamos frente a mais uma que está no fim, na qual se tem trabalhado afinadamente. Portas novas. Telhado novo. E mais e mais — diria Pai Américo.

A obra esteve entregue a um empreiteiro que nos fez o trabalho em boa conta, e aproveitou a ocasião de nos entregar a factura que anda pelos mil euros. Pagámos imediatamente.

Na hora e no dia que passámos por lá, na casa desta genté, achámos estranho o filho estar em casa. «Estou desempregado», nos disse, com uma cara triste. E continua: — «A gente não sabe o que nos chega, sem querer!» Mais uma situação de desemprego!

— Procura um patrão, numa empresa da região...

— A gente dá voltas e não consegue quem nos atenda!

Este quadro acontece pelo País fora!

PARTILHA — Assinante 24801, do Porto, presente com 75 euros, e pede «para não enviarmos recibo. Obrigado. Desde já o meu coração agradeço. Despeço-me em Jesus e Maria, com um abraço para todos vós.» Retribuímos.

Outra vez, Porto, pela mão da assinante 56964, com 25 euros, «desejando muita saúde a todos para que continuem a dar-se uns aos outros. A oferta destina-se à conta da farmácia e não é preciso mandarem recibo. Desculpem por ser tão pouco, mas quando puder, será mais. Não me esqueço dos vossos Pobres».

Assinante 42037, da Capital, um cheque para pôr em ordem a assinatura d'O GAIATO, «e mais um donativo para os Pobres da vossa Conferência Vicentina. Peço que me enviem um recibo, pois pretendo fazer contribuições mais a miúdo, conforme as minhas possibilidades».

A assinante 4154, de Fátima, com um cheque «para renovar a assinatura d'O GAIATO e o restante para o que for mais necessário, pois só vós sabeis. Sou reformada e utente dum Lar de Terceira Idade».

De Alcochete, o assinante 10747, «oferta de 100 euros para ajuda a duas famílias pobres mencionadas na coluna da vossa Conferência de Paço de Sousa».

O assinante 28708, de Coimbra, presente com 100 euros.

Mais uma oferta do Porto, da assinante 60788. «Um cheque pouco avultado, mas poderá contribuir para que possam ajudar os que mais necessitam, dentro dos critérios de justiça, que sempre vos nortearam. Pequena partilha de férias que muitos infelizmente não podem fazer»:

«Cinquenta euros para a vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Quero agradecer ter-me enviado a oração ao Padre Américo. E peço, se possível, uma outra para oferecer a uma pessoa que está muito doente».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Até que enfim, acabaram as aulas. Uns rapazes estão contentes; outros, nem por isso porque reprovaram e não vão à praia e à piscina. Os que reprovaram, metam a mão na consciência e, no próximo ano, tentem mostrar o que valem.

CURSOS — Os cursos de Informática e de Música estão prestes a começar. Os rapazes que aproveitem porque há muitos que gostariam de estar no lugar deles, pois o curso é para o seu futuro.

PISCINA — Já começou. Os rapazes aproveitam ao máximo. Alguns não podem desfrutar deste prazer, porque reprovaram o ano lectivo. Que lhes sirva de emenda.

PADRE BAPTISTA — Fez cinquenta anos de sacerdote, «Bodas de Ouro», e os rapazes fizeram-lhe uma festa, com o nosso grupo coral e a nossa banda.

Rolando

DESPORTO — Tínhamos dito na última crónica, em relação ao S.C. Campo, que tudo tinha corrido como mandam as regras de uma verdadeira confraternização. E agora que vou dizer, se tudo correu da mesma forma?! Sinceramente, quase que podemos dizer que foi o coroar de uma época que está a chegar ao fim, onde tudo tem corrido da melhor maneira, com um ou outro mal entendido, do qual não temos culpa, bem pelo contrário!... Tudo podia e devia ser um mar de rosas, se todos pensassem positivo, e enveredassem por um caminho mais são e mais realista.

O G.D. Águas Santas veio com duas equipas: Iniciados e Infantis. Deixaram muitas coisas, segundo o senhor Albino Rocha, treinador dos Iniciados,



Benguela — Visita de um grupo dos mais pequenos à pescaria Tentativa, na Baía Farta.

foram os próprios atletas que tiveram o cuidado de preparar. Como se não fosse o suficiente, no fim de cada jogo, ficaram as respectivas bolas. No final dos dois desafios, juntaram-se os atletas das quatro equipas e todos conviveram, agora de uma maneira diferente, ao redor de uma bela merenda que eles trouxeram. Foi uma verdadeira festa de várias famílias numa só. Isto, porque os familiares de cada atleta do Águas Santas, também vieram, e pelos vistos, vão para todos os lados que eles se deslocam.

Ficámos satisfeitos com tudo, mas para completar a nossa satisfação, vinha no meio da comitiva, um dos nossos, que muito gostámos de ver e de conversar com ele: o «Nequita». Recordámos algumas coisas do passado, e como não podia deixar de ser, falámos do futebol daquele tempo. Mas foi dizendo: «Tudo muito bem, mas não havia nada disto!» Estava a decorrer o desafio dos Infantis e já se tinha realizado o dos Iniciados.

Para terminar e em relação aos jogos, não podia correr melhor. Resumindo: foi uma tarde feliz para toda a gente que anda nestas andanças de coração aberto aos outros..., para os outros... e pelos outros...!

Como não há bem que nunca acabe, nem mal que sempre dure, os Infantis ganharam na semana seguinte, ao disputarem o último jogo da época. Com eles, trouxeram para casa, uma bonita taça, bem como uma medalha para cada um, como recordação das Festas de Cête, ao festejar o seu primeiro Aniversário de elevação a Vila. Um jogo bem disputado, com muita gente a assistir, e tudo muito bem organizado. Pudera! É um antigo gaiato, mas... maduro e

consciente daquilo que faz. Sempre com o cuidado de não melindrar os outros, e com o sentido apurado da responsabilidade: é o «velho» Carlos Gonçalves. Todos tratou com carinho e respeito. Tanto a equipa da J.F. Cête, a que preside, como a da Casa do Gaiato.

Ah, antes que me esqueça, a merenda não faltou! Estava tudo bom.

Obrigado pelo convite, e até sempre!

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

PRIMEIRA COMUNHÃO — Três dos nossos rapazes receberam o Corpo de Jesus Cristo no dia do Corpo de Deus. Ao Marco Aurélio, ao Rúben e ao João desejamos que sejam fiéis ao Amor de Jesus.

FESTA DO MARISCO — Fomos convidados para jantar em Setúbal. Os rapazes divertiram-se muito e, enquanto comiam, viram um dos jogos do Euro 2004.

FESTA DE ANIVERSÁRIO — A nossa Casa abriu a 1 de Julho de 1956. No início do dia tivemos a Eucaristia. Depois os antigos e actuais gaiatos fizeram vários jogos que acabaram com um mergulho na piscina. Seguiu-se o almoço, servido pelos gaiatos antigos e suas esposas. À tarde, houve o tradicional jogo de futebol, entre antigos e actuais gaiatos. O encontro terminou com a sardinada assada, os couratos, a cerveja para os mais velhos, e sumos para os mais novos.

BAR — Chegou o dia da inauguração. Foi também a 4 de Julho. A máquina do café que a D. Arminda e o sr. Zé

nos ofereceram, não parou para servir tanta gente. A nova televisão, que estreámos no bar, prendeu os olhos de todos os que assistiram à final do Euro 2004. Os rapazes acham que o nosso bar está fixe.

FÉRIAS — O primeiro grupo já está na praia, na nossa casa da Arrábida. É o grupo dos mais pequenos. De manhã, depois do pequeno-almoço, vamos para a praia do Portinho. Damos mergulhos, jogamos futebol e vôleibol. Quando a hora do almoço se aproxima, vamos para casa. À tarde, após o almoço, os mais pequenos vão dormir à sesta. Os outros, vêem televisão e fazem jogos. Depois, ainda voltamos à praia, até às 18h00. Antes do jantar, tomamos um duche e rezamos o Terço.

É bom estar de férias.

Sérgio

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

16 DE JULHO — Data do aniversário da morte de Pai Américo. Como sabes e o que tem vindo a acontecer, já há alguns anos, fazemos a celebração do dia na casa de praia em Sintra. Não será muito diferente dos outros anos, pois a única diferença é a tua presença, mas, para contarmos contigo, já sabes que necessitamos de saber quantas pessoas vão para que não falte nada. Espero estar a dar a notícia ainda com tempo, não esquecer que o n.º é 219 378 670. Traz o fato de banho para a piscina.

PROGRAMA — 10h00, concentração; 12h00, Missa; 13h00, almoço: sardinhas, fêveras e mais qualquer coisa; 15h00, festa surpresa; 17h00,

merenda (aqui contamos com o que puderes contribuir); 18h00, adeus.

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos em período de férias. Para uns, talvez sejam férias, mas temos consciência que muitas famílias estão a viver momentos de aperto. O desemprego aumentou, mas também sabemos que, nesta sociedade cheia de vícios, há muitos oportunistas, e quem sofre são aqueles que mais precisam, que, por vezes, têm de se humilhar e serem humilhados para não perderem o pão do dia-dia.

Estamos a viver numa sociedade sem pudor de muitas entidades patronais que exploram o trabalhador pagando salários miseráveis e, por vezes, nem pagam. No entanto, compram bons carros e boas casas e tudo isso... declarando o salário mínimo para pagarem poucos impostos, mas os seus bens não podem ser comprados só com esse rendimento, todos os sabemos que há senhores no nosso País a tentar enganar-nos, mas o trabalhador, no seu recibo de ordenado, tem de ver todos os descontos, não podem fugir a nada, e os ricos continuam a ser mais ricos e os Pobres mais Pobres.

Os velhinhos e as famílias a quem damos assistência, esses nunca tiveram férias. Uns, porque têm dificuldade em andar e a sua reforma é tão pequena que não lhes permite ter tal regalia; outros, trabalham a plastificar documentos e não podem parar, senão lá se vai o seu rendimento. As nossas crianças, essas conseguem ir,

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 59.800 exemplares.



Jubileu Sacerdotal do Padre Baptista

Continuação da página 1

pobres e doentes, nos desamparados e marginalizados com quem Ele se identificou. Os Pobres são, no meio de nós, um sacramento da presença de Jesus crucificado, do Jesus que neles continua o seu sofrimento.

É com estes que temos de viver aquela Paixão por Jesus. É aí que a tornamos viva e fecunda. Que a tornamos verdadeira.

Se eles são a presença a nós de Jesus crucificado, os que os servem são a presença a eles de Jesus consolador. Casas como estas são um abismo de amor. São um abismo de graça. São uma presença única de Jesus. São uma palavra fortíssima de Jesus.

São uma profecia — Deus ama mesmo os homens...

Reunimo-nos hoje aqui, traz ao Calvário, a este Calvário, a este encontro com Jesus, o Jubileu Sacerdotal do Padre Baptista. Cinquenta anos de entrega ao Senhor. Quase cinquenta anos aqui, a dar corpo a um lindo sonho do Padre Américo.

Aqui, neste Calvário de Beire onde se continua o Calvário da Palestina. Onde se torna visível e patente o Amor de Deus aos Homens. A Paixão de Jesus por nós.

É este amor que perturba e incomoda. É uma revelação constante dos nossos egoísmos, da nossa insensibilidade. Por isso não admira que surjam incompreensões — quem é que compreende isto? — que surgem até ataques ou perseguições.

Reunimo-nos para darmos graças ao Pai por estes cinquenta anos de sacerdócio, de entrega e doação.

Que significa isto:

— Que o entendemos como Obra da Graça de Deus. É o que é por graça. É Obra do nosso Deus. Por isso agradecemos-lo.

— Obra do Pai, é um sinal do Amor de Deus por estes nossos pobres e doentes. Por isso agradecemos-lo.

— Significa esta nossa acção de graças que o entendemos, ao Padre Baptista, no âmbito do diálogo de Deus com os homens. Do Seu diálogo salvífico.

— Nele Deus vai realizando e revelando o Seu plano salvífico, que é o plano de Amor. Aqui, nele, Deus fala e age.

Tudo é graça, sabemos-lo, acreditamos. Mas Deus não age sem nós. E nisto tudo anda o homem, a pessoa do Padre Baptista. Também lhe queremos significar admiração. Diante dele também nos queremos interrogar — se o ouvimos como Palavra grande que é, se o merecemos.

Também a ele agradecemos. Agradecemos a riqueza da sua pobreza, da sua entrega, da sua doação a Deus, nestes doentes, e neles a todos nós. Também para nós ele é um dom de Deus.

Estão aqui alguns dos doentes. Estão aqui amigos do Calvário. Estão muitos dos que se unem na resposta à palavra do Pai, nos serviços destes irmãos.

Para os primeiros um pedido: não deixeis que o vosso sofrimento, a vossa dor, passe ao lado. Oferecei-o ao Pai, em comunhão com Jesus crucificado. Oferecei-o ao Pai por aque-

les que vos ajudam, por nós, por todos os homens por quem Jesus morreu, por quem Ele sofreu. O Pai quer precisar do vosso sofrimento... para levar à plenitude a Sua obra de salvação...

Aos outros... aos outros... sois felizes... sois vós...

Não queremos, nem podemos, acabar sem recordar o nosso Padre Américo, e todos aqueles sacerdotes que, sob o seu olhar e protecção continuam a graça da sua Obra.

É com ele e com estes que o Padre Baptista vai sendo e vai vivendo. Ao Padre Américo uma súplica que continue aabençoar-nos, a nós e sua Obra da Rua. Por ele ao Pai do Céu que o coloque no altar à nossa veneração. Precizamos dele, da sua palavra.

A todos estes Padres... a nossa admiração, o nosso incentivo... o nosso muito obrigado... São para nós uma inquietação. São para nós uma interpelação permanente.»

São tópicos de uma homilia cheia de espontaneidade e sinceridade, enriquecida com a frescura de quem vive e o calor de quem sente.

Diante do Bispo, reconheci-me na presença de Jesus com aquela palavra a Pedro: «Tu uma vez confirmado na Fé, confirma os teus irmãos».

O Senhor D. António Taipa não leu. Guiou-se por aqui para abrir a Fé que o domina e nos contagiou.

Graças a Deus!

Padre Acílio

PENSAMENTO

É salvando os mais que nos salvamos a nós.

PAI AMÉRICO

Correspondência dos Leitores

Doutrina do Evangelho

«O quinzenário O GAIATO é leitura que me agrada sobremaneira. É um Jornal que todo aquele que é bem formado, forçosamente, gosta dele, uma vez que toda a doutrina nele contida é baseada no Evangelho.

Se todos seguíssemos o benéfico pensamento que nos transmite, não haveria lugar a tanto sofrimento,

tanta miséria e tantos crimes, de toda a espécie.

Assinante 25186».

Deus nunca falta

«Gosto muito de ler O GAIATO assim que ele chega. Tem-me ajudado muito e admiro o vosso trabalho, tão difícil, mas Deus nunca falta a quem tem Fé e coragem.

Assinante 72971».

pelo ATL de que fazem parte, graças a Deus que agora há destas instituições que vão preenchendo as horas vagas de algumas crianças.

Todos se queixam de que tudo está caro, e desde que veio a moeda do euro, houve um exagero, e isso já constatei na fruta, legumes e outros géneros, porque o que antes pagávamos em escudos, agora é em cêntimos. Por exemplo, o que comprávamos por 50 escudos, agora custa 50 cêntimos, que é bem diferente e as donas de casa que fazem as compras, de certeza que já constatarão isso; por este motivo todos se queixam que o seu poder de compra baixou, porque as reformas continuam baixas e os salários também, para não falarmos nos medicamentos.

A seguir vou transcrever uma das mensagens que Pai Américo escreveu no seu livro *Pão dos Pobres* (II Vol., pp. 111-112):

«Não cesses de clamar!

Eu não te quero pôr medo, nem ser chamado o Jeremias da nova Lei; mas nestas curtas

semanas de guerra já aprendi, na experiência de lágrimas, que os que a não fazem nem a quem são justamente quem mais sofre. Dantes não era assim; só dava e levava quem lá aparecia.

O «está tudo a subir» é a palavra do dia, terrivelmente assustadora e verdadeira, que a gente pobre de Coimbra lança nos braços do Pobre da Sopa. Faz o teu exame de consciência e propõe-te livrar-me da impertinência e da humilhação de pedir, dando por necessidade e por obrigação.

A guerra que aí está é lição para todos e quem a não toma para si não compreende nada. Em vez de lançar culpas aos mais, cada um deve atribuí-las a si mesmo, perguntando-se silenciosamente quanto e como, reparando agora o mal que fez com o bem que deve fazer.

Não é castigo de Deus, a guerra, e parece que sim. É antes um chamamento do Salvador à realidade da vida, pois que o mundo somente n'Ele e por Ele se salva; e, porque

muito nos quer, usa meios violentos.

Leitor do meu coração, eu quero que tu me vejas, hoje mais do que nunca, e que combates o bom combate a par e à frente dos que trazem na mão o gládio da Justiça do Céu, que assim vences e salvas-te — a única coisa que neste mundo importa. Podemos viver e morrer em multidões, mas o salvar-se é obra de cada um, esforço pessoal, conquista própria — lágrimas que nos correm na face.

Às escuras nada se realiza, nem tão pouco se toma de empréstimo, porque ninguém vê onde põe os pés nem conhece as pessoas com quem fala; nem os que têm podem dar! Caminhe pois cada um enquanto há luz, semeie enquanto é tempo. Luz que mostre a cada um a sua culpa no mal universal; sementeira que seja acto de reparação!

Eu ando por esses cantos e calhas cheio de medo, porque Deus não olha nem julga segundo o que a gente faz, mas sim segundo o Dom que nos

deu; e pode muito bem suceder que haja em qualquer de nós o erro de fazer render para si ou para o mundo, aquele ou aqueles talentos que Deus confia, quando é certo que nem capital nem juros são nossos! Tudo d'Ele.

Deus de infinita Justiça, que cada homem saiba ler a lição, tomando-a toda para si mesmo e com as culpas próprias que nela encontra e que faça frutos de penitência antes de a noite chegar!»

Estas palavras de Pai Américo são, para nós vicentinos, uma lição de amor que estimula a nossa caminhada.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Amigo, de Lisboa, cheque de 50 euros; anónimo, de Lourosa, cheque de 250 euros.

Continuamos a contar com a vossa ajuda. Sem ela o nosso trabalho será infrutífero porque os nossos irmãos carenciados necessitam dela. Nós somos seus recoveiros.

Casal vicentino

DOCTRINA

O Evangelho não sofre meias tintas nem é de caricaturas



APÓS a notícia em O GAIATO da fidelidade dos garotos às 27 nozes, temos recebido lotes no Depósito dos Clérigos e por encomenda postal, por camioneta e por mão própria; tantas e tais que fui eu mesmo por aí abaixo até Miranda do Corvo levar nozes aos gaiatos e agradecer a cada um a lição que elas deram ao mundo. Assim a gente a saiba tomar melhor do que até hoje tem feito.

FOI uma hora majestosa. Depois de explicar o que eles devem aos nossos amigos e de distribuir, houve de sair à quinta, espreitar os ninhos de cada um: — «Olhe, aquele já tem quatro passarinhos». Tive igualmente de subir aos dormitórios, ouvir a cantoria dos grilos; tudo isto por entre o clamor descontraído das mais recentes notícias, durante a minha ausência. Gostaria de ficar mais tempo, mas não tenho tempo de o perder; fui embora horas depois. Somos ali hoje 37; não deveríamos ser mais de trinta, pela exiguidade da casa. Porém, as cartas de toda a hora são dolorosa violência. Elas chegam de Pessoas de Bem que tomam as dores, sentem o mal e procuram acudir à sorte dos pequeninos filhos de ninguém. Já me lembrei de pôr O GAIATO semanal e publicar nele estas cartas de mãos erguidas, verdadeiramente divinas, porque cheias de humanidade; e talvez o faça.

SAIU de alguém que, afinal de contas, a Obra da Rua não resolve os problemas das ruas, porquanto acode unicamente a meia dúzia de garotos e deixa milhares na rua. Outros, sim, que eu gasto a vida a botar gatos na massa do Povo baixo, que por tanto ter descido ninguém pode levantar. São argumentos preguiçosos e, até, muito perigosos. Por detrás desta «verdade» meramente comodista, está a verdade plena e luminosa da parábola do pastor, que deixa ficar o rebanho e vai em cata da rebelde até dar com ela; justamente a pior, a mais caída das ovelhas! Quanto mais não vale um rapaz rebelde! O Evangelho não sofre meias tintas nem é de caricaturas. Quem não é por Ele, é contra Ele.

D. Américo

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Antigos Gaiatos de África

ENCONTRO ANUAL — O nosso encontro/convívio realiza-se nos dias 4 e 5 de Setembro, no Lar de Coimbra.

Como é natural, esperamos uma grande participação de todos os antigos gaiatos de África e seus familiares, pois estes momentos únicos que temos para matar saudades e recordar peripécias passadas nas belas terras africanas; enfim, convivermos em família. Tal como em anos anteriores, o almoço do primeiro dia é da responsabilidade de cada um, das restantes refeições tratamos nós. «Vamos lá ver se há cozinheiro para fazer a muamba!» Quanto ao alojamento convém levar lençóis, e quem tiver saco-cama deverá levar, pois poderá vir a fazer falta.

Estamos esperançados que, este ano, vamos ter um grande encontro e, por isso, é necessária a presença do maior número possível de antigos gaiatos e

seus familiares. Pode ser, e seria maravilhoso termos a presença de pelo menos um dos nossos Padres. «É um convite extensivo aos três africanos!», com os quais tivemos o privilégio de conviver nas terras longínquas de África e nas quais continuamos a dar o seu melhor no sentido de minimizar o sofrimento daqueles povos.

Para qualquer esclarecimento poderão contactar o Tomás através do telef. 214 199 962, ou telem. 965404633, ou, ainda, o Zé Luís pelo telem. 938 026 055, ou telef. 284 083 656.

Dias 4 e 5 de Setembro, lá nos encontraremos.

P.S.: Para quando a conjugação de esforços entre todas as Associações de antigos gaiatos para a realização (em período mais alargado) de um encontro único, uma vez que os problemas e preocupações são comuns a todas as Associações? Isto independentemente dos encontros individuais de cada uma, que penso nunca deverão acabar.

José Luís Pinheiro

TRIBUNA DE COIMBRA

Ano lectivo

O ano lectivo chegou ao fim. No Lar de Coimbra estiveram cerca de 30 rapazes do 2.º ao 3.º ciclos, secundário e formação profissional. Foi um ano um pouco turbulento, temos que o reconhecer, desde o início. O L. P., um miúdo de 12 anos bem espigados e com grande experiência de vida de rua, foi o nosso primeiro teste: «O gajo é marado...!» — diziam os rapazes uns aos outros surpreendidos pelas tropelias constantes que fazia em Casa e na Escola. Alturas houve em que habilmente conseguiu convencer a Escola contra nós. O tempo encarregou-se de fazer perceber o contrário. Cremos que tudo fazia para atrair sobre si todas as atenções. Era uma criança de coração magoado, como tantas outras, mas com enorme dificuldade em assumir regras, essas mesmas que devem ser implementadas em tenra idade. Foram momentos de grande tensão. O rapaz foi transferido,

como é nosso hábito, e parece ter serenado mais. Mas deixou marcas negativas. Nós não estávamos habituados. Os nossos são criados em família, com regras muito próprias e com o carinho indispensável. Somos «Porta Aberta», não casa de correcção; somos família. Entendemos que a prevenção é o caminho mais importante. Os casos devem ser encaminhados o mais cedo possível para o lugar certo. Hoje estão a fazer-se muitas experiências com as crianças: sucessivos internamentos e avaliações periódicas de projectos de vida. Mas a criança precisa de estabilidade e segurança. Temos sido solicitados para receber miúdos com 13, 14 e, até, 15 anos. Que pena termos de dizer que a solução já não passa por nós, com esta idade. Mas interrogamo-nos também sobre a qualidade e a quantidade das respostas do Estado, que como todos sabemos as não tem também.

Alguna perturbação também trouxe a auditoria levada a efeito pela Segurança Social. Mesmo que não estivesse na intenção de quem a fez; que quem a fez a tivesse feito com desempenho técnico e competência. Estamos a lidar com vidas humanas que não são simples ficheiros de dados ou relatórios...

A par de tudo isto factores de bonança bafejaram também a nossa porta, o nosso Lar. A generosidade dos professores que voluntariamente apoiam os rapazes nos deveres escolares ou os acompanham nas consultas de medicina nas várias especialidades. As senhoras que voluntariamente dão o seu tempo à sala de costura, à limpeza e adorno da Casa, e ao Dr. Paulo Zé, psicólogo, sempre pronto a dar uma «ajudinha» neste ou naquele rapaz mais «embrulhado» no seu problema. Este ano contámos menos com o Padre Francisco. A saúde vai escasseando. É tão importante esta dimensão da alma humana, a espiritual. Quem se oferece em vez dele? Ficamos gratos a tantos amigos que de cara descoberta ou anonimamente tornaram mais leve e agradável a nossa vida e possibilitam aos rapazes um melhor futuro.

Padre João

«O Escutismo e a pedagogia do Padre Américo»

Continuação da página 1

de bondade inerente a cada um. Pode parecer que a afogou..., mas nem Pai Américo nem Baden Powell acreditavam nesse poder do mal sobre o Poder Supremo do Bem que é Deus. Há sempre uma reserva de bondade, possível de dar sinal a Deus nem que no derradeiro suspiro.

Se na metodologia ambos tanto valorizaram a Naturalidade e a simplicidade no serviço comunitário, mais coincidem no alicerce de Fé e de Esperança que faz deles e das suas obras uma *Resistência*. Deus é a Pedra Fundamental. Sem Ele, eles não teriam tido o ânimo para o que fizeram; muito menos se teria conservado a *força viva* que eles lhe imprimiram.

Mais importante do que os métodos são os princípios: A dignificação do homem, no respeito da sua liberdade e na formação dele para a autonomia, mas uma autonomia irradiante que não pára nos limites do viver de cada homem, mas vai contagiando outros e ajudá-los a alcançar o mesmo objectivo. Nem era nos métodos que eles se firmavam para a acção. Com que alegria eu leio nestes escritos do Engenheiro Alexandre esta afirmação de Baden Powell: «*Possuir um método educativo não significa promover educação. O método é um caminho (...) Se se perde o sentido, se não se procura sempre a significação que ele adquire com as mutações da própria vida, pode acontecer existir o método educativo sem existir educação*». E logo acrescenta: «*O que faz do Padre Américo um grande pedagogo não foi o seu método, mas sim a forma como o viveu, a forma como o construiu e adaptou*». E torna com Baden Powell: «*Não deixes a técnica sobrepor-se à moral. O desembaraço em campo, as boas acções, a camaradagem, tudo isso são meios, não o fim a atingir. O fim é o carácter — carácter com um propósito*». E a mostrar mais uma vez a concordância dos dois, eu volto com Pai Américo e a sua sábia definição investigada da vida: «*Técnico é aquele que ama*».

Sem amor convivido, dado gratuitamente, dado sem expectativa de qualquer retribuição, mas ambicioso (isso, sim!) da edificação do amado — para que serve a Técnica?! Tivessem os devotos deste *ídolo* dos tempos modernos a honestidade de ler e interpretar os factos do quotidiano e logo concluiriam que até alguma prestabilidade que ela terá lha roubam quando a endeusam! Julgam prestar-lhe culto e atraíam-na.

E termino o comentário ao paralelo entre dois Homens de quem a Humanidade pode dizer com toda a Justiça: — que bom terem existido! — com esta palavra do Autor comentado: «*No Escutismo Católico recebemos não o lixo das ruas mas crianças com percursos muito mais estáveis do que os acolhidos pela Obra da Rua. Temos obrigação de fazer de cada Escuta um homem bom*». (Aqui volta a identidade perfeita com Pai Américo: «*Fazer de cada rapaz um Homem*».) E conclui: «*Como o Padre Américo rezemos, pois só na oração e através dela descobriremos a vida no método*».

Isto propõe e faz o Escuta Alexandre. Mal do mundo se o não fizermos todos!

Padre Carlos

Malanje

Continuação da página 1

canto, a capela gradeada onde a lamparina assinala a presença do Senhor. Eu creio. E pensei, na minha oração: Que capacidade têm os filhos do paraíso para olharem de frente o novo filme da Paixão? O que é para eles aquele sangue?

Sei que a fé é um Dom. Também que este Dom exige a abertura do nosso coração a todo o sangue que brotou do Corpo todo de Cristo.

«Não fecheis o vosso coração».

Padre Telmo

PÃO DE VIDA

Obrigado!

A estação quente sente-se já, em pleno, com as suas seduções e a necessidade de mergulhar em águas límpidas.

O tempo lectivo manifestou preocupações sobre a desorientação escolar, nomeadamente actividades fúteis, alergia à aprendizagem e faltas injustificadas. Os conteúdos de conhecimentos que são adquiridos parecem mínimos, se comparados com a exigência que precedia a unificação do ensino.

Desmotivados do estudo aplicado, não da diversão continuada em redor das escolas, alguns dos nossos rapazes têm dificuldades em despegar da lama das ruas. Ainda ouvimos, com mágoa, o Daniel «Macaco»: «Quero viver na rua»...

A Obra da Rua quer contribuir para os libertar da escravidão das misérias, em que interesses obscuros enredam os jovens.

As Casas do Gaiato não são, nunca, reclusões, mas famílias, em que se estabelecem laços de amizade e os rapazes se prendem à vida de trabalho, de recreio e a Jesus. Não abusar da liberdade, a que são chamados, é uma luta dolorosa, mas que a razão vai conhecendo, lentamente.

Há dias, encontramos um pretexto para valorizar mais a vida responsável que se vai construindo com estes jovens.

Neste propósito, carregamos um veículo e, com o Fábio «Vila Flor», atravessámos o portão de um estabelecimento prisional, feminino. Fomos bem acolhidos. Enquanto algumas senhoras cosiam calçado, segredaram-nos: «Obrigado!»

Nós é que precisamos destes encontros. Os jovens devem temer as celas dos erros e não se deixarem morder por serpentes venenosas.

Uma mãe dava banho ao seu menino na penumbra do cubículo. E estes filhos podem chapinar na abundância de água que jorra das nossas nascentes e até furar as ondas do mar, se o merecerem.

Será preciso estar privado dos bens indispensáveis, para, depois, procurar acolhimento?

Elias lançou sobre o profeta Eliseu a sua capa, para ele se entregar ao seu serviço.

A missão com os Pobres não está livre de intimidações. Recentemente, já preparado para confiar ao Senhor algumas ausências, os guardas da república obrigaram a rubricar outro mandato judicial de controlo dos nossos rapazes.

Levantar os que caíram na libertinagem, exige decisões vocacionais de radicalidade. Os relatórios e as ordenanças, para «descer fogo do céu», são anomalias.

As saídas, à procura dos frangalhos da família natural, podem ser saltos no escuro.

Para crescerem na direcção da luz, como o girassol, eles não dispensam a orientação materna que preencha aquelas que se prenderam noutras malhas.

Para nos libertar das cadeias iníquas, o Redentor prendeu-Se à coluna da Cruz.

Padre Manuel Mendes

SETÚBAL

As nossas Festas

CHEGARAM ao fim as nossas Festas. Cerca de um milhar e meio de pessoas admiraram os nossos rapazes e ficaram mais amigos.

A maior parte são-no já de longa data. Outros, só agora iniciaram a amizade. Nestes, particularmente, salientamos os testemunhos de admiração e de promessa para futuros encontros.

Os rapazes cumpriram, mostrando as suas capacidades e empatia com os amigos que os quiseram ver, admirar, aplaudir.

A Festa dos Gaiatos não é somente um espectáculo. É-o também, mas prolonga-se numa espécie de compromisso que nos une a todos. Sente-se próxima aquela palavra de Jesus que diz: «Deixai vir a mim as criança-

nhas... Como se junta na Festa o elemento humano e divino, o espectáculo dos rapazes e a presença escondida de Jesus.

Os nossos trabalhos e canseiras fazem-se em Nome de Jesus. Fora d'Ele nada faríamos nem seríamos capazes de fazer.

Para as nossas Festas todos são convidados; não particularizamos os convites. Mais do que momentos preparados para obter ajudas materiais, anima-os a busca de unidade. Estes momentos são um privilégio para unir e congregar os rapazes: e nós com eles. São momentos que nos animam também a cumprirmos a nossa obrigação de anunciadores da Boa-Nova.

Por tudo isto fica a vontade de irmos a novos lugares, a outras terras. Como não podemos enviar ninguém à nossa

frente para preparar a nossa ida, mandamos esta palavra, para que quem a escute, faça o necessário para que no próximo ano sejamos convidados a deslocarmo-nos à sua terra, paróquia, porção do Povo de Deus no seio do qual trabalhamos, também ele carente de escutar palavras de esperança.

Animemo-nos mutuamente. A tarefa de criar rapazes que vieram da rua e do abandono, não se realiza na solidão de uns quantos, mas no compromisso dos que despertaram para esta necessidade. Se os bens materiais são obviamente necessários, hoje são bem mais importantes os valores da caridade: chorar com os que choram; alegrar-se com os que se alegram; amar com os que amam. A nossa é Obra de amor porque vem de Deus.

Todos somos chamados a ser heróis. Acreditar e viver o amor cristão, notoriamente nos dias de hoje, é estar fora do domínio deste mundo; é deixar que a vida se projecte na Eternidade recebendo d'Ela a força e energia para ser sal e luz do mundo.

Padre Júlio